

Deus criador na Liturgia

O autor é licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Diretor da Faculdade de Teologia Cristo Rei, Professor de Teologia Dogmática na mesma Faculdade e no Instituto Pastoral Sul 3 em Porto Alegre.

CLAUDIO LUIZ BINS, S. J.

A teologia da criação está passando nos últimos anos por uma grande renovação. De uma perspectiva acentuadamente filosófica, que procurava na revelação quase que exclusivamente uma confirmação das conquistas do raciocínio, a teologia passou a considerar a criação na perspectiva da revelação: a perspectiva salvífico-cristológica. Isto é, a criação como início da história da salvação, como início da comunicação salvífica de Deus às criaturas, como fundamento do diálogo pessoal entre Deus Trino e os homens (2).

1. O presente trabalho, proferido como aula inaugural em março de 1968 na Faculdade de Teologia Cristo Rei, sintetiza alguns dados essenciais de meu livro *O Mistério da criação nas Orações do Missal Romano*, Porto Alegre, 1968. Esta obra inicia a coleção "TEOLOGIA — Pesquisa e Reflexão", publicada sob a orientação da Faculdade de Teologia Cristo Rei. S. Leopoldo, RS, Brasil.

2. Cf. M. FLICK — Z. ALSZEGHY, *Il Creatore, L'inizio della salvezza*. Firenze, 1964(3), pp. 13—19. P. DE HAES, *Die Schöpfung als Heilsmysterium*, Mainz, 1964, p. 8. J. RÄTZINGER, *Schöpfung*, LThK 9,460—463; K. RÄHNER, *Schöpfungslehre. I. Die S. in der kath. Theologie*, LThK 9,471.

O diálogo da história da salvação não terminou. Continua a realizar-se continuamente e encontra sua máxima expressão, como nos ensina o Vaticano II, na liturgia. Isto não só porque Deus, na liturgia, fala à Igreja e a santifica, mas também porque a Igreja em sua resposta litúrgica tributa culto a Deus Trino (3).

Neste apelo salvífico, através da liturgia, Deus Trino nos interpela também como criador. E a Igreja, por sua vez, assumindo a criação em sua resposta, cultua a Deus Trino também como criador.

Se, por uma parte, a criação deve ser considerada como parte in-

3. Cf. Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, *Sacrosanctum Concilium*, n.º 5—7, 10, 33, 35, 84; cf. tb. C. VAGAGGINI, *Vista panorâmica sobre a Constituição Litúrgica*, em G. BARAÚNA, *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, Petrópolis, 1964, p. 142ss. Cf. tb. H. SCHMIDT, *La costituzione sulla sacra liturgia*, Roma, 1966, p. 248ss, 223—235. Cf. tb. A. G. MARTIMORT, *Structure et lois de la célébration liturgique*, em A. G. MARTIMORT, *L'Église en Prière, Introduction à la liturgie*, Paris 1965(3), p. 117s. Cf. tb. J. A. JUNGmann, *Des lois de la célébration liturgique*, Paris, 1956, pp. 85—104.

tegrante da história da salvação e do diálogo entre Deus e os homens, e se, por outro lado, esta história e este diálogo são vividos de um modo todo especial na liturgia, segue-se que a teologia deve, para uma compreensão profunda do mistério da criação, verificar de que maneira este mistério é vivido pela Igreja, e como está inserido em sua resposta salvífico-litúrgica a Deus.

A intenção do presente trabalho não é, portanto, a de provar pela liturgia a fé da Igreja no mistério da criação, mas a de penetrar no sentido deste mistério, como ele se nos apresenta e é vivido na prece litúrgica.

Esta perspectiva poderá trazer benefícios para a pastoral, porque, pondo a descoberto riquezas espirituais contidas neste mistério e em sua vivência, ela nos permitirá viver realmente a criação como parte integrante do mistério de Cristo.

Para compreender o significado, o sentido da presença do mistério da criação na prece da Igreja é necessário, num primeiro momento, fazer um estudo sobre a natureza da criação nesta mesma prece.

Escolhi, como campo de investigação, o Missal Romano atual, porque nêles estão reunidos os textos da suprema ação litúrgica cotidiana do rito latino. Neste Missal, por sua vez, limitei-me às orações, por serem elas o ponto alto da ação litúrgica.

I NATUREZA DA CRIAÇÃO

A fim de conhecermos de um modo suficientemente completo a natureza da criação, como ela se nos apresenta nas orações do Missal Romano, assinalarei duas caracte-

terísticas: sua perspectiva cristológico-trinitária, e sua perspectiva dinâmica, a saber: criar na plenitude de seu significado.

1. Perspectiva cristológico-trinitária da criação (4)

O mistério da criação caracteriza-se, em primeiro lugar, por seu aspecto cristológico-trinitário: o Pai cria todas as coisas por Jesus Cristo e com o Espírito Santo.

Se por uma parte invocamos o Pai como Criador, por outra as orações nos mostram com clareza a função criadora de Jesus Cristo e do Espírito Santo.

O Pai é o princípio último da própria criação, pois, em quase todos os casos, Ele é o sujeito da ação criadora.

Jesus Cristo é aquele pelo qual o Pai cria todas as coisas. No Credo rezamos: "Credo... et in unum Dominum Jesum Christum Filium Dei unigenitum... Genitum non factum, consubstantiali Patri: **per quem omnia facta sunt**". E na conclusão do Canon da Missa: "**Per quem haec omnia, Domine, semper bona creas, santificas, vivificas, benedixis et praestas nobis.**"

Finalmente, o Espírito Santo é criador enquanto é o Espírito do Pai, enquanto é enviado pelo Pai para a criação e a nova criação das criaturas (5). O versículo do Aleluia da festa de Pentecostes exprime muito bem esta realidade: "**Emitte Spiritum tuum et creabuntur, et renovabis faciem terrae**". O Espírito Santo, portanto, também é criador, mas não de forma absolutamente idêntica à do Pai.

4. Cf. C. BINS, *idem*, pp. 9-20.

5. Cf. Sab. Quat. Têmp. Pentecostes: 1.^a Oração; Vig. Pasc.: Bênção Água Batismal.

Qual é a razão desta perspectiva cristológico-trinitária da criação nas orações do Missal Romano? O fundamento último encontramos-lo na concepção cristológico-trinitária, — referente não só à criação, mas a todas as relações entre as criaturas e Deus, — do Novo Testamento e da antiga tradição cristã (6). A liturgia herdou esta concepção desde o seu início e a conservou através dos séculos (7).

A constatação desta característica é de grande importância. Se desde o início o mistério da criação é vivido, na liturgia, na perspectiva cristológico-trinitária, esta perspectiva não pode ser um simples artifício de expressão, ou modo de falar, mas deve corresponder à própria realidade. Embora o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam um só criador, como nos ensina a fé, Eles não o são da mesma forma (8). O Pai é criador como Pai, o Filho como Filho e o Espírito Santo como Espírito Santo. Em relação à ação criativa do Filho, uma oração do

sacramentário Leoniano diz ser a geração divina do Verbo que cria os homens:

“Ó Deus, que realizais de um modo mais admirável a restauração da situação humana do que criastes a sua substância: concedei, nós vos pedimos, que se aperfeiçoem simultaneamente em nós **o que criou a divina geração de vosso Verbo**, e o que reformou a gloriosa natividade de sua humanidade” (9).

A unidade da ação criadora não exclui a distinção pessoal na mesma ação unitária.

Com razão, portanto, a teologia de hoje, como a de outras épocas, investiga as relações especiais existentes entre as criaturas e as pessoas da Santíssima Trindade e Cristo (10).

2. Criar na plenitude de seu significado (11)

Ao rezarmos as orações em que há referências à criação, ao professarmos a nossa fé em Deus Pai, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis, em geral virá à nossa mente, de um modo implícito ou explícito, a concepção clássica de criar. Entretanto, esta concepção de criação e a que é própria da liturgia não são de todo idênticas.

6. Cf. C. VAGAGGINI, *El sentido teológico de la liturgia*, Madrid, 1959, pp. 185—199. Em relação à criação no NT cf. Jo 1,3; 1 Cor 8,6; Col 1,15s; Hebr 1,2.

7. Cf. C. VAGAGGINI, *idem* pp. 201—233. Em relação à criação cf. p. ex.: a Anáfora de Hipólito em B. BOTTE, *Hippolyte de Rome, La tradition Apostolique*, Paris, 1946, p. 31. A oração eucarística do VIII Livro das Constituições Apostólicas (VIII, 12, 6—8), em J. QUASTEN, *Monumenta eucharistica et liturgica vetustissima*, Bonn, 1935—1937, p. 213ss. Uma profissão de fé baptismal no VII Livro das Constituições Apostólicas (VII, 41, 3—5), em F. X. FUNK, *Didascalia et Constitutiones Apostolorum*, I, Pa derborn, 1905.

8. Cf. Concílio Lateranense IV, cap. 1. (Denz, 428), e Sínodo Romano de 382: “*Siquis non dixerit, omnia per Filium et Spiritum (suum) Sanctum Patrem fecisse, id est visibilia et invisibilia: haereticus est*” (Denz, 77).

9. Cf. L. C. MOHLBERG — L. EIZENHÖFER — P. SIFFRIN, *Sacramentarium Veronense*, Roma, 1956, 40, 6. n.º 1258.

10. Cf. p. ex.: H. VOLK, *Schöpfung. III Systematisch* em H. FRIES, *Handbuch Theologischer Grundbegriffe*, München, 1963, II, 510—512; M. FLICK — Z. ALSZEGHY, o. c. pp. 64—68; K. RAHNER, *Bemerkungen zum dogmatischen Traktat ‘De Trinitate’ em Schriften zur Theologie*, Einsiedeln, 1960, IV, 103—133; J. F. BONNEFOY, *La primauté du Christ selon L’Écriture et la tradition*, Roma, 1959.

11. C. BINS, o. c., pp. 43—64.

Segundo a concepção clássica o ato criador de Deus, enquanto criador, se reduz — excetuando a criação das almas — à produção do universo em seu primeiro momento de existência. Depois há conservação e mesmo produção de novas realidades, mas não há criação no sentido próprio e verdadeiro. A ação criadora de Deus, no que se refere a todas as coisas existentes, teve lugar num passado remotíssimo e está definitivamente concluída.

De acordo com a oração litúrgica, porém, o ato criador, como criador, não se limita ao universo tomado como um todo (12), nem ao seu primeiro instante, nem às almas (13). O ato criador, enquanto criador, atinge cada homem individual e concreto (14), seus pensamentos e virtudes (15), toda união matrimonial indissolúvel (16), cada um dos produtos terrestres, nativos e transformados (17), o homem re-

criado pelo batismo (18), o povo de Deus (19), e finalmente o céu (20), enquanto este é a união de todos os eleitos. O ato criador, numa palavra, atinge cada criatura, individual e imediatamente. A ação criadora de Deus não se limita ao momento inicial da gênese do universo. Deus não terminou de criar. A criação não está concluída. Deus criou no passado, cria no presente e criará no futuro. A criação está se realizando incessantemente. Como exemplo, sirva-nos a fórmula inicial da conclusão do cânon da Missa: "per quem haec omnia, Domine, semper bona creas". O verbo criar encontra-se no presente: "creas"; presente que inclui o futuro: "semper... creas". O "haec omnia" refere-se aos dons eucarísticos: pão e vinho, e de um modo geral aos produtos terrestres, nativos e transformados (21).

Se é verdade que Deus atinge criativamente cada criatura, isto é, se é essencial à ação criadora que ela atinja de modo imediato todas as criaturas: p. e.: esta determinada árvore é imediatamente criada por Deus, como, então, pode ser verdade que Deus cria todas as coisas do nada, como o professamos em

12. Deus criador de todas as coisas, cf. p. ex.: Credo; Renovação promessas Batismo na Vg. Pascal; 2 Fev.: Bênção Velas, 1.ª Oração; Missa Esposos: 2.ª Oração, depois do Pai Nosso; 1 Maio, S. José: Oração; 5 Dom. depois da Páscoa: Oração; Sexta-feira Santa: 2.ª Oração Solene; Pelo S. Pontífice.

13. Missa pelos enfermos, pelo que está próximo, à morte: Oração.

14. Cf. p. ex.: Vig. Pascal: Oração depois da 1.ª Leitura e Bênção Água Batismal; Ordinário Missa: ofertório; 2 Jan. SS. N. Jesus: Pós-comunhão; Sab. Quatr. Têmp. Pentecostes: 1.ª Oração; 2 Nov. 1.ª Missa: Oração; Quinta-feira depois do II Dom. Quadr.: Oração sobre fiéis.

15. Cf. p. ex.: Terça-feira depois do II Dom. Quadr.: Oração; XXII Dom. Pentecostes: Oração.

16. Cf. Missa pelos esposos.

17. Cf. Cânon da Missa: "Per quem haec omnia, Domine, semper bona creas", Quinta-feira depois do Domingo da Paixão: Oração sobre oferendas; 13 Jan. Comem. Batismo Cristo: Oração sobre oferendas.

18. Cf. 20 Jul. S. Jerônimo Emil.: Oração sobre oferendas; Prep. Mis. Bispo; III Mis Natal: Pós-comunhão; Vig. Pascal: Bênção Água Batism.

19. Sexta-feira Santa: 2.ª Oração Solene, pelo S. Pontif.; 24 Junho, S. J. Batista: Pós-comunhão; Vig. Pasc.: Bênção Água Batismal.

20. Dedic. Igreja, Dedic. Altar: Oração; Dedic. Igreja, anivers.: Pós-com.

21. Cf. J. A. JUNGSMANN, *El Sacrificio de la Misa*, Madrid, 1963(4) II, n.º 368; Cf. tb. N. M. DENIS-BOULET, *Analyse des rites et des prières de la Messe*, em A. G. MARTI-MORT, *L'Eglise en prière, Introduction à la liturgie*, Paris, 1965(3), p. 423.

nossa fé e o rezamos em duas orações de nosso Missal (22)?

A partir das próprias orações, e baseado em uma interpretação de Gregório Magno (23), chega-se à seguinte conclusão: — tomando as criaturas em sua individualidade, não é essencial à ação de criar, que o "ex nihilo" as atinja imediatamente, basta que as atinja imediatamente. P. e.: esta determinada árvore foi criada do nada porque aquilo de que ela provém foi, em última análise, criado por Deus do nada. Por outro lado, o "ex nihilo" é essencial à ação criadora em sua relação à totalidade das criaturas, isto é, tomando-se as criaturas como um todo, pois, caso contrário, existiria algo independentemente de Deus.

O criar, como criar, atinge, portanto, imediatamente todas as criaturas, e o "ex nihilo" atinge a maior parte das criaturas apenas imediatamente.

Sempre ouvimos dizer e sempre será verdade, que criar é dar início a uma realidade totalmente nova. Mas, pode-se reduzir o criar a este dar início, quando os termos do ato criador são os frutos da terra, o homem com seus pensamentos e virtudes, a união matrimonial e a reunião de todos os santos no céu? Não há dúvida que todas estas coisas são uma realidade nova. Mas não é esta realidade nova antes um termo do que um início?

Esta primeira intuição foi confirmada pelo estudo de S. Gregório

e S. Leão (24) e pela análise dos próprios termos empregados nas orações. Chegamos assim a uma concepção dinâmica da criação.

Tomemos, a modo de exemplo, a breve oração do cânon da Missa: "haec omnia, Domine, semper bona creas". (A síntese que segue supõe a análise e as conclusões do estudo feito em S. Gregório e S. Leão sobre a concepção dinâmica de criar). Objetos deste ato criador, a que se refere a oração do cânon, são entre outros os frutos da terra. Estes frutos, como já dissemos, são antes um termo do que um início. Pedir a Deus que Ele crie sempre estes frutos, não é pedir simplesmente que Ele dê início a uma nova realidade, mas é pedir que, com sua ação onipotente, Ele dinamize e oriente continuamente as inúmeras forças da natureza, necessárias para a produção dos frutos, que vivifique as plantas, as faça crescer, florescer, fecundar e, finalmente, frutificar.

Nesta concepção de criar, o pêso está propriamente no produzir o termo, o fruto. Mas como o fruto não é uma realidade isolada de todo dinamismo vital precedente, produzido pela ação conjunta da natureza e do ato criador de Deus, segue-se que este dinamismo, enquanto termo da ação divina, esta incluído no próprio criar. Criar em sua plenitude é terminar, é concluir uma obra, e isto inclui necessariamente o dar-lhe início e desenvolvimento.

22. Cf. 2.º Fev., Bênção Velas, 1.ª Oração; Missa Esposos: 2.ª Oração depois do Pai Nosso.

23. Cf. *Homiliarum in Ezechielem Prophetam. Liber. II*, hom. 8, n.º 8, J. P. MIGNE, PL 76, 1033.

24. Gregório Magno, principalmente: *Maximalium libri sive expositio in Librum B. Job*, J. P. Migne, PL 75s; e *Dialogorum liber quartus*, PL 77, 317-430.

Leão Magno, principalmente: *Sermones: V. XVI. XX. XL.*, PL 54.

Pelo estudo dos demais objetos da ação criadora divina chega-se à mesma conclusão dinâmica desta ação. Pode-se, portanto, concluir: Deus, com seu ato criador, não só dá início, origem, existência a todas as criaturas e a cada uma individualmente, mas com o mesmo ato criador dá movimento e dinamismo aos seres inanimados; dá vida, crescimento, maturação, movimento e dinamismo aos seres vivos, levando-os à plenitude, não só a muitos individualmente, mas a criação inteira tomada como um todo. Criar é produzir uma obra em sua plenitude, e inclui necessariamente o dar-lhe início e desenvolvimento dinâmico, orientado para esta plenitude. Cada criatura recebe, portanto, de Deus, pela ação criativa contínua e imediata, a sua origem, o seu desenvolvimento, o seu dinamismo e a sua plenitude (25).

3. Perspectiva histórica (26)

Sendo o Missal Romano o herdeiro dos grandes sacramentários romanos, pergunta-se agora: em que sacramentários aparecem pela primeira vez as orações do atual Missal em que há referências ao Deus criador?

O motivo desta investigação é duplo:

25. Outro problema é o de como conceber a ação criadora divina. Não se deve entender esta ação como uma ação que substitua a ação das criaturas, ou atue ao lado delas. A ação criadora divina é a condição transcendental que possibilita, libera as próprias criaturas em seu ser, agir e devir. Cf. p. ex OVERHAGE, P. — RAHNER, K.: *Das Problem des Hominisation. Über den Biologischen Ursprung des Menschen*, Herder, Freiburg/Bz, 1961, pp. 55—78.

26. Cf. C. BINS, o. c. p. 65s.

— houve através dos séculos, segundo as orações que hoje nos restam no Missal Romano, um aspecto do mistério da criação mais acentuado do que outro?

— segundo: até que ponto o mistério da criação teve, através dos séculos, tanto vigor religioso de maneira a poder entrar nas orações litúrgicas?

O resultado é o seguinte: omitindo três orações introduzidas nos nossos dias, a maioria das menções à criação, sob todos os seus aspectos, encontra-se pela primeira vez nos grandes sacramentários da liturgia latina, ou se reduz a estas fórmulas. Do longo período, que vai desde o fim do século oitavo até os nossos dias, restam-nos apenas sete novas menções sobre a criação.

Este último fenômeno explica-se por dois motivos:

— O primeiro é litúrgico: A maior parte das orações depois da Idade Média relaciona-se imediatamente com a vida dos santos.

— O segundo é teológico: A história do dogma da criação mostra-nos que, no ocidente, a perspectiva salvífico-cristológica da criação que ainda predominava na época patrística, foi de um modo geral suplantada na escolástica e na teologia católica posterior pela consideração filosófico-ontológica da natureza da criação, considerada em si mesma. Em tal ambiente teológico, desprovido em grande parte do sentido histórico-salvífico da criação, de sua íntima relação à redenção e à consumação, compreende-se que o mistério da criação não tenha tido um valor religioso suficientemente forte para entrar na composição de novas orações, essencialmente salvíficas.

II SIGNIFICADO RELIGIOSO DA CRIAÇÃO (27)

As considerações feitas até agora poderiam nos dar a impressão de que a presença do mistério da criação na prece litúrgica tem a função primária de nos ensinar sobre a natureza da criação, de nos comunicar uma verdade de ordem especulativa. Entretanto, embora as orações nos transmitam uma doutrina sobre a criação, não é esta a razão de ser, o sentido de sua presença nas orações. Por que motivo, então, fazemos em nossas orações menção à criação? Por que invocamos a Deus, também como criador?

Para responder a esta pergunta não podemos esquecer que a liturgia se caracteriza por sua estrutura dialogal: nela se realiza o encontro pessoal entre os homens redimidos e Deus Salvador. A Constituição litúrgica do Vaticano II afirma: "na liturgia Deus fala a seu povo; Cristo ainda anuncia o Evangelho", isto é, o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, nos faz na Igreja seu apelo salvífico. A Constituição prossegue: "e o povo responde a Deus com os cantos e a oração" (28). A oração é, na fé, na esperança e na caridade a resposta salvífica da comunidade cristã dada na Igreja ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Nesta perspectiva dialogal cristológico-trinitária da oração litúrgica, isto é, da relação pessoal, da atitude pessoal dos homens redimidos para com Deus Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo e na Igreja, é assumido o mistério da criação.

A partir destas perspectivas é com o auxílio da análise dos vários contextos, aspectos, circunstâncias e tipos de orações, nas quais se encontram alusões à criação, deduz-se o sentido da presença deste mistério nas orações, a saber o sentido religioso-salvífico.

A criação é salvífica porque nunca está presente nas orações como uma realidade fechada sobre si mesma, como uma realidade à qual se faz menção para pô-la em evidência. Sua presença, sob um ou outro aspecto, sempre está intimamente relacionada com a história da salvação, com a redenção — nova criação — e mesmo com a vida eterna — plena e definitiva criação. Desta forma a história criativo-salvífica se nos manifesta nas orações como uma única grande história, que por Cristo e em Cristo tem sua origem e fim no Pai. Como exemplo citemos a oração da Missa de Finados e reparemos como, ao rezarmos pelos nossos falecidos, pedindo a Deus a graça de se encontrarem definitivamente com Ele, recordamos em breve síntese as grandes etapas da ação salvífica divina, centrada na vida dos fiéis e especialmente na dos falecidos: a criação, a redenção, o perdão dos pecados e a vida eterna: "Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, a fim de que, por meio destas piedosas súplicas, alcancem de Vós a misericórdia que sempre desejaram."

A criação é salvífica não só por fazer parte da história da salvação — como início do plano salvífico de Deus — mas porque ela, no momento em que a comunidade reza, influi na história da salvação.

27. Cf. idem, pp. 99—137.

28. *Sacrosanctum Concilium*, n.º 33; veja mais referências na nota 3.

Se a história da salvação é a resultante da ação salvífica de Deus, que interpela o homem, e da correspondente resposta salvífica deste mesmo homem, segue-se que a criação, no momento das orações, influi na história da salvação. E isto porque Deus, também como criador, interpela salvificamente o homem, e este responde salvificamente a Deus enquanto criador.

Mostremos e ampliemos a verdade desta afirmação por uma breve análise do significado da criação na Vigília Pascal e em especial no contexto da oração que segue à primeira leitura da Vigília Pascal, que nos relata a criação:

— “Ó Deus, que de modo admirável criastes o homem, e ainda mais admiravelmente o redimistes, concedei, nós vos suplicamos, a graça de resistirmos aos atrativos do pecado na força do espírito, a fim de merecermos alcançar as alegrias eternas. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.”

Para compreendermos todo o alcance do significado desta oração e da sua referência à criação do homem, procuremos situá-la, perguntando pelo sentido da Vigília Pascal e pelo sentido das leituras.

Nossa Vigília Pascal é dominada pelo pensamento da vitória de Cristo. Por uma parte, ela é uma comemoração, cheia de louvor e gratidão, da passagem vitoriosa de Deus por entre os homens e da passagem dos homens da morte para a vida, tornada efetiva pela primeira vez no batismo.

Por outra parte, o sentido profundo da Vigília Pascal, do qual o passado é esboço e penhor, é a expectativa da vitória de Cristo em sua plenitude, da última vinda de Cristo, da passagem definitiva de

toda cristandade ao reino do Pai celeste.

Esta esperança se realiza antecipadamente, tanto no batismo — criação, êxodo e passagem dos homens ao reino de amor do Pai — como na comunhão, na qual Deus, em Cristo, está realmente presente aos seus (29).

Sintetizando: o passado, o presente e o futuro formam uma grande unidade, centralizada em Cristo; as realizações do passado são um penhor e um esboço das realizações do presente e do futuro; e por isto mesmo elas despertam, nos que participam das cerimônias, o louvor e a gratidão a Deus por aquilo que passou, e a esperança de que Deus, com seu amor, sua fidelidade e seu poder realizará a vitória final de Cristo, incoativamente na terra e em plenitude na eternidade.

Este é o contexto em que devemos colocar as cerimônias da Vigília Pascal. Nesta atmosfera e com estas atitudes devemos rezar as orações desta noite de Vigília, e conseqüentemente também todas aquelas em que se faz menção da criação.

Dando mais um passo: Qual é, na Vigília Pascal, o sentido das leituras?

As quatro leituras didáticas da Vigília estão em íntima conexão com o mistério Pascal e com o batismo. Elas devem ser lidas sob a luz da vitória de Cristo, celebrada na bênção do círio pascal e no “Exsultet”. A função das leituras é a de alimentar a esperança da Páscoa definitiva e dar a última preparação aos catecúmenos, para a

29. Cf. L. BOUYER, *Saintes Vigiles*, La Maison Dieu 26 (1951) 11-22.

sua realização antecipada: o batismo (30).

"É um traço essencial da esperança cristã, como de toda a economia cristã, alimentar-se do passado. O passado, a história do povo de Deus, é o objeto de sua meditação constante. Mas isto não é um retôrno nostálgico, uma fuga apavorada do presente... O passado é um penhor: o penhor de uma promessa; é um esboço: o esboço de sua realização. Estamos certos que Deus realizará o que prometeu, de acôrdo com aquilo que Ele fez. E aquilo que Ele já realizou é o único meio que temos para entrever o que Ele realizará definitivamente." "O Antigo Testamento nos dá a figura elementar dos últimos designios de Deus, sem esta figura jamais os compreenderemos. E o Antigo Testamento é o Testemunho fundamental que Deus nos deu de sua fidelidade, a base primeira da qual tudo o que seguiu confirmou cada vez mais o caráter invencível, mas só o confirma para aqueles que observam o laço e a continuidade das obras divinas" (31). Ser êste, de fato, o sentido das leituras e das realidades que elas nos relatam, é confirmado de modo explícito por três orações intimamente unidas às leituras, das quais duas foram supressas com a reforma da Vigília Pascal (32).

30. Cf. *idem*, pp. 17—21; cf. tb. H. SCHMIDT, *Hebdomada Sancta*, Vol. II, Sect. II, p. 835, Roma 1957.

31. L. BOUYER, *o.c.*, p. 19. Cf. tb. J. DANIELOU, *Bible et Liturgie. La théologie biblique des sacraments et des fêtes d'après les Pères de l'Eglise*, Paris, 1958(2), p. 9s.

32. Vig. Pascal, Oração depois da 7.^a Profecia; Oração depois da 11.^a Profecia; Oração depois da 2.^a Leitura atual.

Pois bem, a primeira obra divina evocada nas leituras, e que deve alimentar a nossa esperança no advento da Páscoa definitiva, é justamente a criação do universo e do homem. Pode-se, assim, dizer que a criação do homem e do universo são o início desta "continuidade das obras divinas", o primeiro "testemunho fundamental" que Deus nos dá de sua fidelidade, o penhor e o esboço básico da realização definitiva do plano de Deus, a fonte primeira de nossa esperança na realização da nova, da segunda criação em sua plenitude. O mesmo deve-se dizer da criação em relação ao batismo. Pois a criação, e a travessia do Mar Vermelho são as figuras mais comuns do batismo (33).

Na riqueza de todas estas perspectivas, em que é colocado o relato da criação em sua relação com o significado das leituras e de toda Vigília Pascal, deve ser colocada também a referência da criação contida na prece: "Ó Deus, que de modo admirável criastes o homem, e ainda mais admiravelmente o redimistes, concedei, nós vos suplicamos, a graça de resistirmos aos atrativos do pecado na força do espírito, a fim de merecermos alcançar as alegrias eternas".

Que a oração retoma e sintetiza, em sua brevidade e sobriedade romana, a visão e atitude de que falamos, mostra-nos sua atenta leitura. A criação do homem não é apresentada como uma realidade isolada, ela está inserida na totalidade da ação salvífica divina, que é vista em sua continuidade histórico-progressiva: Deus criou maravilhosamente o homem, redimiu-o

33. J. DANIELOU: *Lectures et Cantiques*, La Maison Dieu 26 (1951) 36.

de um modo ainda mais admirável. dá-lhe a vitória sobre o pecado e conduzi-lo-á à glória eterna.

Mais: a invocação de Deus como criador é nesta oração um louvor admirativo e alegre, uma ação de graças a Deus Pai por esta sua obra admirável, o que se deduz do sentido geral das predicções relativas (34) contidas nas orações: "Ó Deus, **que de modo admirável criastes o homem**". A invocação é além disto uma confissão da criaturidade do homem, de sua dependência absoluta e fundamental de Deus, de sua própria incapacidade ante a luta contra o pecado e o termo a alcançar: as alegrias eternas. Finalmente, de acordo com o sentido da Vigília Pascal, das leituras, e da própria predicação relativa, a criação do homem é o testemunho fundamental da fidelidade e benevolência de Deus na execução de seu plano salvífico, é o penhor e o esboço básico da nova criação, em e por Cristo, incoativa nesta vida e definitiva na eternidade. Conseqüentemente a invocação de Deus como criador do homem é, ao mesmo tempo, motivo e expressão tanto de nossa confiança em Deus, para lhe pedir as graças da vitória sobre o pecado e da consecução da glória eterna, como da esperança de que Ele conduzirá a termo Sua obra salvífica, iniciada e esboçada na criação.

Estas perspectivas e atividades retornam de uma ou de outra for-

ma em todas as orações em que há referências a Deus criador.

Podemos, portanto, dar a resposta ao problema colocado acima: em que sentido a criação, tomada como termo da ação criadora de Deus, influi na história da salvação, no momento em que a comunidade está rezando.

No momento da celebração litúrgica a criação como fato histórico, como termo da ação criadora de Deus, tanto a realizada no início dos séculos, como a que se realiza continuamente, torna-se, sob a luz da revelação e o influxo da graça, parte integrante tanto do apelo que Deus Pai nos dirige, como da nossa resposta correspondente. Em outras palavras, se Deus Trino nos interpela salvificamente como criador, por exemplo na primeira leitura da Vigília Pascal, então necessariamente o termo da ação criadora de Deus, as criaturas, fazem parte integrante deste apelo de Deus criador.

Além disto, se por nossa livre decisão respondemos, na fé, na esperança e na caridade, a Deus que nos interpela como criador, então a criação é também inserida na nossa resposta salvífica. Com a nossa resposta vivemos, na fé, a própria criação como manifestação da benevolência, do amor, da fidelidade e do domínio de Deus criador, e a nossa correspondente criaturidade.

Com a nossa resposta, na confiança e na esperança, a criação, como esboço e como penhor da nova criação, é a vivência da própria fidelidade, poder e benevolência de Deus criador.

Com a nossa resposta, na caridade, vivemos a criação como comunhão da bondade de Deus Pai a

34. Sobre o sentido das predicções relativas nas orações cf: C. BINS, o.c. pp. 108—112. J. P. AUDET, *Esquisse historique du genre littéraire de la "Bénédictio" juive e de l'Eucharistie" chrétienne*, Revue Biblique 65 (1958) 371—399; P. LUNDBERG, *La typologie baptismale dans l'ancienne Église*, Leipzig, 1942, principalmente pp. 36—42.

nós, por Cristo, no Espírito Santo e na Igreja.

Desta forma cultuamos a Deus criador, louvando-o e agradecendo-lhe por sua obra criadora. Simultaneamente realiza-se a nossa santificação e o crescimento do corpo místico de Cristo.

A criação, portanto, como termo da ação criadora de Deus, enquanto inserida no apêlo salvífico de Deus, e enquanto assumida em nossa resposta salvífica, está influenciando profundamente no desenrolar da história da salvação.

Tôdas estas perspectivas nos explicam porque o mistério da criação, sob um ou outro aspecto, é evocado em orações intimamente ligadas aos momentos decisivos da vida cristã do homem, como são: o batismo, o sacrifício eucarístico, o matrimônio, a morte e o encontro definitivo do homem com Deus. Nestes momentos o homem entra em uma nova vida, uma nova criação se realiza. Há, pois, motivos suficientes para evocar a criação, principalmente como penhor e esbôço destas novas criações, a fim de suscitar a confiança e a esperança na benevolência, fidelidade e poder de Deus criador, e para lhe pedir que conduza à plenitude, agora e no futuro, a obra da salvação.

Resumindo, pode-se dizer que o motivo, o sentido da presença do

mistério da criação, nas orações do Missal Romano é o de favorecer a vivência da inserção dos fiéis na única história criativo-salvífica, e suscitar, no sentido exposto, a fé, a esperança e a caridade em Deus criador, no Pai, que por Cristo e com o Espírito Santo é o Criador do céu e da terra, de tôdas as coisas visíveis e invisíveis.

A liturgia mostra-nos desta forma que o Deus criador, a criação, as criaturas, que nós somos e entre as quais e das quais diariamente vivemos, não são simplesmente verdades filosóficas, verdades abstratas, com as quais não sabemos o que fazer em nossa vida concreta de homens redimidos. A liturgia nos atesta que tôdas as realidades criadas — assim como elas se nos apresentam, em seu dinamismo, vigor e pujança, em estado natural ou transformadas pelo trabalho do homem — não são realidades profanas, mas realidades profundamente religiosas, enquanto são, continuamente, para nós concretização do apêlo salvífico de Deus criador.

Concluindo só podemos augurar que os liturgistas, ao comporem novas orações, insiram nas mesmas o mistério da criação, a fim de que o povo de Deus possa, nas orações públicas, e cada um de nós na vida particular, viver as riquezas espirituais contidas neste mistério da salvação e cultuar por Cristo a Deus Trino, também como criador.